

FERNANDO PESSOA

QUARESMA,
DECIFRADOR

AS NOVELAS POLICIÁRIAS

2.^a edição

edição

ANA MARIA FREITAS

ASSÍRIO & ALVIM

Nesta edição surge reconstituído pela primeira vez o conjunto das novelas policiais de Fernando Pessoa, por ele reunidas sob o título *Quaresma, Decifrador*. Estes textos, na sua maioria inéditos, têm merecido pouca atenção dos estudiosos e nunca, até este momento, tinham sido publicados no seu todo, tal como Pessoa planeava e se pode observar nos esquemas que se encontram no espólio. A escrita das novelas prolongou-se ao longo de décadas e continuava em 1935, quando o processo foi, por fim, interrompido pela morte do poeta. Numa carta de 13 de Janeiro dirigida a Adolfo Casais Monteiro, encontramos uma referência explícita à intenção de publicar uma novela policial que está a tentar terminar.

Quando às vezes pensava na ordem de uma futura publicação de obras minhas, nunca um livro do género de Mensagem figurava em número um. Hesitava entre se deveria começar por um livro de versos grande — um livro de umas 350 páginas —, englobando as várias subpersonalidades de Fernando Pessoa ele-mesmo, ou se deveria abrir com uma novela policial, que ainda não consegui completar.¹

Quem desconhece a atenção que o autor dedicou a esta área da obra surpreende-se com esta equiparação entre um grande livro de versos e uma novela policial. Na carta seguinte, datada de 20 de Janeiro do mesmo ano, Pessoa reafirma a sua intenção de publicar uma novela que está escrevendo. Seria provavelmente *O Caso Vargas*, uma narrativa mais tardia, que desenvolveu mais que todas as outras e que, pelo tamanho, se prestava à publicação isolada.

Até à data, que indico como provável para o aparecimento do livro maior, devem estar publicados o Banqueiro Anarquista (em nova forma e redac-

¹ Fernando Pessoa, *Correspondência (1923-1935)*, ed. Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim, 1999, p. 338.

ção), uma novela policiária (que estou escrevendo e não é aquela a que me referi na carta anterior) e mais um ou outro escritos que as circunstâncias possam evocar.¹

A sorte das novelas foi complicada por um processo de escrita muito característico. Como afirma na carta, *estou escrevendo*. Com efeito, Pessoa esteve escrevendo as novelas durante décadas, deixando-as todas, infelizmente, incompletas.

Quaresma, Decifrador foi pensado e desenvolvido como um conjunto centrado no decifrador e raciocinador infalível Abílio Fernandes Quaresma, uma figura que ultrapassa o molde da simples personagem e ocupa um lugar na realidade ficcionada do universo pessoano. Como o conjunto formado pelos três heterónimos e pelo ortónimo, ou como os poemas de *Ficções do Interlúdio*, as novelas estabelecem um diálogo entre si e constroem, no seu todo, um sentido diferente do de cada uma das partes.

Pessoa planeou publicar as novelas policiais *em livros ou livrinhos separados, de diversos tamanhos, e a preços correspondentemente diversos*, acrescentando, noutra apontamento, *one per month*. Para esse efeito, ordenou-as em numerosos esquemas (incluídos na secção de Anexos deste volume) que, apesar de difícil datação, correspondem a diversos momentos no correr dos anos. Desde cedo que as novelas se constituíram como o conjunto *Quaresma, Decifrador*. A primeira referência a este título encontra-se num testemunho datável de cerca de 1915/16, onde planeia as novelas a publicar.

Acompanhamos a progressão do projecto através da inclusão de novos títulos, numa contínua reformulação, em que a ordem de publicação das narrativas se ia modificando. Chegou mesmo a ser incluído na série o título *Shakespeare*, uma novela que trataria, certamente, da questão da verdadeira identidade do dramaturgo inglês e das teorias que o identificam com Francis Bacon, tema que interessou Pessoa. Resta saber qual o papel que Abílio Quaresma teria na resolução do mistério.

À data da morte do seu autor, nenhuma das novelas policiais fora terminada, embora *O Caso Vargas* não estivesse longe do final. Nos anos que se seguiram, a poesia concentrou, justamente, a atenção dos editores e estas narrativas foram caindo no esquecimento.

¹ *Ibidem*, p. 349.

Foi Fernando Luso Soares quem primeiro se interessou por elas e, durante as décadas seguintes, os fragmentos que publicou tornaram-se a única versão conhecida das novelas policiais, reeditadas nas sucessivas edições de *Obras em Prosa* de Fernando Pessoa. Foi no ano de 1953 que saiu, em dois números de *Investigação, Revista Mensal de Ciência e Literatura Policial*, um artigo intitulado «Notas para a criação da novela policial em Fernando Pessoa», acompanhado da transcrição de fragmentos do espólio que nessa altura ainda ocupava a célebre arca e não os arquivos da Biblioteca Nacional. Luso Soares seleccionou preferencialmente dactiloscritos, num total de 54 documentos, quasi todos catalogados à parte, hoje em dia, no envelope 99 do espólio. Os mesmos fragmentos de «Prefácio a Quaresma», *A Janela Estreita*, *O Caso Vargas*, *A Carta Mágica* e *O Roubo na Quinta das Vinhas* voltaram a ser publicados num livro da autoria de Luso Soares, saído em 1976, com o título *A Novela Policial-dedutiva em Fernando Pessoa*.

A comparação dos fragmentos publicados com os originais revela algumas lacunas. A dificuldade de decifração da caligrafia de Pessoa condicionou a selecção dos documentos a transcrever e parte de alguns textos foi eliminada. Acontece ainda que, num dos fragmentos da novela *O Roubo da Quinta das Vinhas* (testemunho 99-3v.), o final do texto foi transposto para o início sem justificação aparente. Em relação ao «Prefácio», outras questões se colocam. Dois dos três fragmentos seleccionados (27 (16) W2-44 e 44v.) não se integram no tom de recordação nostálgica desta introdução, pois neles pode ler-se uma exposição do próprio Quaresma acerca do modo como investigava. Na presente edição, este texto foi inserido na novela *O Pergaminho Roubado*.

Em 2006, duas novas obras trouxeram ao conhecimento do público textos inéditos das novelas. Uma foi *Il Caso Vargas*, edição e tradução para italiano de *O Caso Vargas*, da autoria de Simone Celani. A outra é uma edição crítica dos *Escritos sobre Génio e Loucura* de Fernando Pessoa, organizada por Jerónimo Pizarro, onde se incluem fragmentos, éditos e inéditos, de *Prefácio a Quaresma*, *O Caso do Quarto Fechado*, *A Carta Mágica* e *O Caso Vargas* que se integram na temática referida.

A fixação e organização de um texto tão longo como *O Caso Vargas* é um trabalho complexo. Lamenta-se, no entanto, a falta de rigor da edição de Simone Celani. Não sendo *Il Caso Vargas* uma edição crítica, compreende-se a ausência de notas e a não indicação de variantes. Mais difícil será compreender e aceitar que o texto pessoano seja truncado de palavras, expressões, frases e partes de texto, por-

ventura mais difíceis de decifrar, e que se quebre sequências de páginas claramente assinaladas pelo seu autor.

PESSOA E O GÉNERO POLICIAL

A relação de afecto que Fernando Pessoa mantinha com o género policial ficou bem documentada em diários, cartas, textos de reflexão e até no ensaio *Eros-tratus*, onde utilizou Edgar Wallace como modelo de determinadas qualidades, — a concisão e a capacidade de captar a atenção do público — necessárias tanto neste tipo de histórias como em obras de outros níveis literários. Num texto de reflexão pessoal encontramos um apontamento esclarecedor:

Um dos poucos divertimentos intelectuais que ainda restam ao que ainda resta de intelectual na humanidade é a leitura de romances policiais. Entre o número áureo e reduzido das horas felizes que a Vida deixa que eu passe, conto por do melhor ano aquelas em que a leitura de Conan Doyle ou de Arthur Morrison me pega na consciência ao colo.

Um dos volumes de um destes autores, um cigarro de 45 ao pacote, a ideia de uma chávena de café — trindade cujo ser-uma é o conjugar a felicidade para mim — resume-se nisto a minha felicidade. Será pouco para tanto, é verdade. É que não pode aspirar a muito mais uma criatura com sentimentos intelectuais e estéticos no meio europeu actual.

Talvez seja para os senhores como que causa de pasmo, não o eu ter estes por meus autores predilectos e de quarto de cama, mas o eu confessar que assim os tenho.¹

Pessoa utilizou, durante toda a sua vida, o escape e a diversão que este subgénero narrativo, por vezes considerado «popular», paraliterário, menor, lhe fornecia. As suas palavras demonstram uma consciência dessa menoridade e do *pasmo* que a sua confissão poderia causar nos bem-pensantes.

Num texto de reflexão datado de 1907, menciona as leituras preferidas da sua juventude:

¹ *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*, ed. Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2003, p. 150.

*The earliest literary food of my childhood was in the numerous novels of mystery and of horrible adventure. Those books which are called boys' books and deal with exciting experiences I cared little for. With a healthy and natural life I was out of sympathy. My craving was not for the probable, but for the incredible, not even for the impossible by degree, but for the impossible by nature.*¹

Este alimento literário deu origem a uma produção de narrativas policiárias que começou ainda em Durban e que, transposta para Lisboa, foi amadurecendo e adquirindo outros contornos. Do inglês passou para o português, os trâmites do enredo esbateram-se a favor do raciocínio puro, o seu detective ganhou vida e densidade. De simples *Detective Stories* passou a *Tales of a Reasoner*, título já revelador do que realmente lhe interessava, e depois às novelas policiárias de *Quaresma*, *Decifrador*.

Pela análise das listas de obras a adquirir ou já adquiridas, frequentes no seu espólio, ganhamos a convicção que Pessoa lia tudo, que era omnívoro nas leituras. A par das grandes obras da literatura mundial, clássica ou contemporânea, e de obras científicas inovadoras, encontramos os policiais mais representativos da idade de ouro do género, o período de tempo entre as duas grandes guerras em que as regras do policial moderno se definiram na Grã-Bretanha. Pessoa adquiria esse tipo de livros em grande quantidade e era sócio do Albatross Crime Club, que lhe garantia as obras acabadas de sair. Numa carta ao secretário do clube (de 12 de Julho de 1933) dá-se mesmo ao trabalho de apontar um erro num livro de Freeman Wills Crofts, para que o corrigissem em futuras edições. Na sua biblioteca, que renovava comprando e vendendo livros para sustentar a voraz leitura, existem ainda várias obras de Austin Freeman, tão criticado mas, aparentemente, tão apreciado também.

Não se limitava, porém, a ser um leitor entusiasta das novidades da época áurea do policial inglês. Estudou, teorizou, apresentou apreciações e teorias num ensaio intitulado *Detective Story*, iniciado em 1905, acrescentado durante uns tempos, mas nunca terminado. No esquema por capítulos, lemos que pretendia tratar das razões da popularidade das histórias policiais, definir as características do género e as dificuldades com que os seus autores se confrontavam, dedicando uma segunda parte à apreciação de Poe, Conan Doyle, (Arthur) Morrison *and others*. Nos fragmentos desse ensaio, para além destes autores, reflecte ainda sobre qualidades e defeitos de Austin Freeman, Wills Crofts e da Baronesa Orczy.

¹ *Ibidem*, p. 74.

AS DETECTIVE STORIES

Foi ainda em Durban e em língua inglesa que Pessoa começou a escrever histórias policiais. Para seu autor, inventou uma personalidade literária, Horace James Faber, que dividia com outra personalidade, Charles Robert Anon, as obras escritas e a escrever por Pessoa. Para Anon, o anónimo, ficariam a poesia, os ensaios críticos e as histórias de imaginação; a Faber, o artífice, caberiam as *Detective Stories*, os ensaios satíricos e a poesia humorística. Poderia depreender-se desta divisão de tarefas que pertenceria a Anon o lado mais criativo e «elevado» da obra a realizar. Não seria este o ponto de vista do Pessoa autor das novelas policiárias, que constrói a personagem Abílio Quaresma como um ser próximo e real.

Se o olhar sobre o género se modificou, outros aspectos mantiveram-se constantes. Já nesta primeira fase sentiu a necessidade de criar um conjunto, e não uma novela ou romance isolados, a que deu os títulos de *Detective Stories* e, depois, de *Tales of a Reasoner*. Como figura central, criou um detective infalível, de acordo com as regras do policial: o ex-Sargeant Byng, alcoólico, raciocinador, incompetente para a vida quotidiana. Num testemunho inédito, a apresentação desta personagem é iniciada nos mesmos termos que, anos mais tarde, utilizaria em «Prefácio a Quaresma». No texto, alguém recorda Byng, depois da sua morte de *delirium tremens*, como um raciocinador genial, desconhecido da generalidade dos seus contemporâneos. Vamos reencontrar estes elementos, mais elaborados e aprofundados, na personagem Abílio Quaresma. O antigo sargento William Byng é um proto-Quaresma, mais primário e menos complexo.

Destas primeiras novelas chegaram-nos os seguintes títulos: *Case of the Quadratic Equation*, *Case of the Delmont Robbery*, *Case of Mr. Arnott*, *Case of the Holloway Code*, *Case of the Stolen Document* e *Case of the Science Master*. Planeava a publicação de um conjunto total de 12 histórias, como se pode ler num esquema que deixou, número que mais tarde surge nos projectos de publicação das novelas policiárias. Todas estas novelas ficaram incompletas e algumas aparecem ainda, com os títulos traduzidos para português, nos primeiros esquemas de *Quaresma*, *Decifrador*. A pouco e pouco vão desaparecendo, ficando *O Caso de Mr. Arnott*, com os títulos alternativos de *O Assassinio no Chalet Heloísa* e *A Morte do sr. Arnott*, como última presença.

<i>A Série Quaresma, Decifrador</i>	7
<i>Nota de edição</i>	26
<i>Sinais usados na fixação do texto</i>	27
QUARESMA, DECIFRADOR	
Prefácio	31
O CASO VARGAS	39
O PERGAMINHO ROUBADO	129
TALE X / A MORTE DE D. JOÃO	173
A CARTA MÁGICA	195
O ROUBO NA QUINTA DAS VINHAS	233
O DESAPARECIMENTO DO DR. REIS GOMES	257
O CASO DO TRIPLO FECHO ou O ROUBO NO BANCO DE GALÍCIA	273
O CASO DO QUARTO FECHADO	287
O CASO DA JANELA ESTREITA	317
O CASO DO BANCO DE VISEU ou O CAIXA INVISÍVEL	339
CRIME	347
CÚMPLICES ou TRIBUNAL	365
O ROUBO NA RUA DOS CAPELISTAS	387
ANEXOS	393
NOTAS	437